



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF
II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

A COMPREENSÃO LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA NO ÂMBITO DO PIBID/UFCG

Sabrina Silva Ferreira (Bolsista PIBID/UFCG)

Joseane Costa (Bolsista PIBID/UFCG)

Dayena Medeiros Lira (Supervisora PIBID/UFCG)

Ana Paula Sarmento Carneiro (Coordenadora PIBID/UFCG)

Introdução

A história nos diz que o processo de evolução da leitura se deu a partir da descoberta da escrita em paredes de cavernas (os chamados pictogramas), passando pelos códices, até chegar aos livros contemporâneos. Porém, nem todos podiam ter acesso a estes, somente as pessoas mais abastadas, ou seja, aquelas que faziam parte da elite da sociedade.

Atualmente, dispomos de livros e até mesmo de projetos de incentivo à leitura, mas, apesar de todos os incentivos, muitos pensam que ler é apenas decodificar um texto. Esse mito repercute na escola, onde encontramos, muitas vezes, alunos desinteressados, por não compreenderem de fato o que leem. Assim, temos o desafio de fazer com que os alunos se sintam estimulados a ler e compreender os sentidos do texto, indo além da atividade de mera decodificação.

A fim de desenvolver habilidades de leitura em alunos de Ensino Fundamental II, tivemos como objetivo, nesse trabalho, avaliar as dificuldades de compreensão leitora apresentadas pelos discentes, propondo assim, atividades que visassem minimizá-las.

Este trabalho está vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), especificamente, subprojeto do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, intitulado *Promovendo práticas de leitura e escrita com textos de gêneros diversos no ensino fundamental*.

Fundamentação Teórica



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

No decorrer da nossa formação acadêmica e levando em consideração as experiências vivenciadas em sala de aula, percebemos a importância de dialogar com os alunos, e requerer a opinião destes acerca dos textos lidos, para que não prevaleçam apenas as opiniões dos autores, pois, de acordo com Santos, Riche e Teixeira (2012), ler é mais do que decodificar o que está escrito, é trazer a experiência de mundo do leitor para o texto lido, entendendo não só o que está na superfície do texto, mas também, e principalmente, o que está subentendido nas entrelinhas do texto.

Por isso, quando se pensa em trabalhar com texto em sala de aula, um dos aspectos mais importantes é saber organizar as atividades de leitura de modo a desenvolver atividades de leitura que envolvam vários momentos de contato com o texto: a pré-leitura, a leitura e a pós-leitura. (SANTOS, RICHE, TEIXEIRA, 2012, p.47-48) como também os vários níveis de leitura: explícito, implícito e metaplícito (LINO DE ARAUJO, 2014).

Os PCN de Língua Portuguesa defendem que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão, e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem e etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade, que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p.69)

É de extrema importância deixarmos de lado a concepção autoritária de leitura, aquela que distancia o aluno do texto, pois parte da ideia de que há apenas uma maneira de abordá-lo. Defendemos, portanto, a posição que considera as várias dimensões da leitura e a necessidade de ler as entrelinhas do texto, em um diálogo constante entre autor-texto-leitor.

Metodologia

Para podermos dar início a nossa atuação em sala de aula, passamos um mês observando o trabalho exercido pela professora regente para, a partir de então, começarmos a intervir na aula.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Nessa primeira etapa de atuação, elaboramos e aplicamos atividades voltadas para a compreensão de textos do gênero crônica, tomando por base o guia de elaboração de itens do MEC, especificamente os descritores que contemplam o eixo de avaliação das habilidades de leitura. Essas atividades contemplavam questões de nível explícito, implícito e metaplícito.

O plano de atividades didáticas se deu por meio de quatro semanas (oito encontros), com uma hora e meia de duração cada. Levamos diferentes tipos de crônicas para a sala de aula, de renomados autores brasileiros, e por meio destas, desenvolvemos atividades de leitura, com o objetivo de possibilitar aos alunos um aprimoramento do seu desenvolvimento como leitores proficientes.

Para isso, optamos por trabalhar o ensino de leitura através das estratégias de leitura propostas por Santos, Ritche e Teixeira (2012) e por Lino de Auaújo (2014), tendo em vista os problemas que os discentes apresentaram na interpretação e compreensão de textos.

Resultados e Discussão

Sabemos que desenvolver nos alunos a competência leitora proficiente não é uma tarefa fácil, capaz de ser desenvolvida em algumas aulas ou até mesmo meses, mas procuramos minimizar deficiências leitoras apresentadas por esses discentes, bem como ampliar algumas habilidades básicas, necessárias para que o leitor consiga compreender um texto em suas múltiplas possibilidades de leitura.

Por isso nas aulas, antes mesmo de iniciar a leitura propriamente dita do texto, realizamos um trabalho de pré-leitura, partindo da análise do título das crônicas, e fazendo questionamentos aos alunos, tais quais: sobre o que pode ser a história? O que o título do texto revela sobre o autor? Sobre o que você acha que o texto trata?

Atividades pós-textuais também foram realizadas, inclusive uma delas foi solicitar que ao fim da leitura os alunos criassem um novo final para determinada crônica, a fim de estimular a leitura crítica e participativa destes.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Durante a aplicação das atividades, fizemos importantes constatações, pois percebemos que os alunos tinham uma grande facilidade em responder questões de níveis explícito, ou seja, aquelas em que as respostas encontravam-se claramente no texto. Tomaremos por exemplo, para este caso, uma das questões que aplicamos a partir da crônica “A bola” de Luís Fernando Veríssimo, que continha o seguinte enunciado: *O primeiro parágrafo do texto compara a primeira bola do pai, que ele ganhara de presente na infância, com a bola que ele comprou para seu filho. Quais as diferenças entre esses dois objetos?* Nessa questão, o nível de acertos foi muito grande, pois os alunos teriam apenas de retirar as informações do texto.

Já as questões de nível implícito implicaram em uma maior dificuldade por parte dos alunos. Por exemplo, nessa mesma atividade, citada acima, perguntamos: *O que teria levado o menino a fazer perguntas como “como é que liga?”, “Não tem manual de instrução? Ou “O que ela faz?” Será que há alguns anos os brinquedos propiciavam esses tipos de pergunta? Justifique.* Essa e outras questões que exploravam o nível implícito de leitura geraram muita inquietação por parte da maioria da turma. Muitos tiveram dúvidas por não encontrarem a “resposta pronta no texto”, já que teriam de recorrer aos conhecimentos enciclopédicos, associando-os ao texto e ao enunciado da questão.

Aos poucos, essas dúvidas foram sendo sanadas e os alunos foram reconhecendo a necessidade de recorrerem aos seus conhecimentos prévios, a perceberem as intenções do autor do texto, a associarem ao objetivo do texto etc.

Reconhecemos também a importância de os alunos conhecerem a vida e obra dos autores das crônicas que estavam sendo lidas por eles. Por isso lhes incumbimos de pesquisar a biografia dos mesmos. Eles elaboraram cartazes sobre a vida e a obra dos autores e expuseram a pesquisa para a turma, de forma oral.

Por meio dessas atividades realizadas, acreditamos que nosso objetivo maior tenha sido alcançado, pois os alunos progrediram e desenvolveram atividades significativas no que se refere ao ato de interpretação, compreensão e assimilação de ideias presentes nos textos. Assim, aos poucos perceberam



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

que deveriam deixar de ser um mero leitor, aquele que reproduz o que ler, passando para o estágio de leitor, aquele que constrói sentidos e se posiciona perante o que leem.

Conclusão

Diante das dificuldades que os alunos demonstraram em relação aos níveis de leitura, em especial o implícito e o metaplícito, percebemos o quanto é de fundamental importância que o professor, enquanto mediador do processo ensino/aprendizagem, promova práticas de leituras efetivas em sala de aula, possibilitando que os alunos ultrapassem o estágio de meros decodificadores, passando a leitores ativos, críticos e reflexivos, por meio de um ensino comprometido, contextualizado, dinâmico e planejado.

É importante que haja um diálogo permanente entre a escola e a universidade, para que os docentes mantenham práticas inovadoras e em consonância com as teorias desenvolvidas no âmbito acadêmico. Esse diálogo é favorecido pelo PIBID, que deve intervir nas práticas de sala de aula a fim de aperfeiçoá-las, refletindo sobre essas práticas e propondo alternativas para um ensino mais produtivo.

Referências

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: SEB/MEC, 1998.

LINO DE ARAÚJO, Denise. *Enunciado de atividades e tarefas escolares: Modos de fazer*. Olinda: Livro Rápido, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SANTOS, Leonor Werneck dos; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Cláudia Souza. *Análise e produção de textos*. SÃO PAULO: Contexto, 2012.